



Artigos/Articles

***Barbie (2023)* e o feminismo neoliberal na cultura *pop*: o discurso de liberdade e empoderamento que perpetua a opressão.**

Barbie (2023) and the neoliberal feminism in pop culture: the discourse of freedom and empowerment that perpetuates oppression.

Jessica da Silva Gregory¹

RESUMO

O objetivo do presente artigo é abordar a relação entre o feminismo da segunda onda e o liberalismo ascendente e estabelecer como o discurso do feminismo foi absorvido por essa vertente capitalista, apropriando-se de políticas de identidade em detrimento da busca por mudanças sociais estruturais, oriundas do movimento de libertação das mulheres, cuja finalidade era alcançar a igualdade de gênero. A relação estrutural entre patriarcado e capitalismo mantém e dissemina, através de tecnologias sociais e produtos vendáveis, esse discurso com o propósito de manter a opressão contra as mulheres, bem como as disparidades sociais existentes, através da manutenção de práticas sociais que têm como objetivo conservá-las em lugares de violência simbólica. Apontando o filme *Barbie (2023)*, de Greta Gerwig, como um produto da cultura *pop* empenhado em carregar o discurso do feminismo neoliberal, busca-se denunciar a ascensão de um discurso feminista que segrega e oprime a maior parte das mulheres.

Palavras-Chave: Feminismo, gênero, neoliberalismo, capitalismo.

ABSTRACT

The objective of this article is to address the relationship between second wave feminism and rising liberalism and establish how the discourse of feminism was absorbed by this capitalist aspect, appropriating identity politics, to the detriment of the search for structural social changes, originating from the women's liberation movement, whose aim was to achieve gender equality. The structural relationship between patriarchy and capitalism maintains and disseminates, through social

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3038-3845> Email: jessicagregory@letras.ufrj.br

technologies and salable products, this discourse with the purpose of maintaining oppression against women, as well as existing social disparities, through the maintenance of social practices that aim to preserve them in places of symbolic violence. Pointing to the film *Barbie* (2023), by Greta Gerwig, as a product of pop culture committed to carrying the discourse of neoliberal feminism, the aim is to denounce the rise of a feminist discourse that segregates and oppresses the majority of women.

Keywords: Feminism, gender, neoliberalism, capitalism.

1. O discurso do feminismo neoliberal na cultura pop

Barbie (2023), de Greta Gerwig, se inicia com um resumo lúdico do surgimento da boneca lançada nos anos 1950, em um mundo no qual as meninas só podiam brincar com bonecas e acessórios que representavam bebês, limitando sua imaginação às brincadeiras voltadas para a maternidade e cuidados do lar. O roteiro ironiza as coerções sociais que eram impostas às mulheres e como o capitalismo usou seus aparatos materiais para a manutenção da mulher na esfera privada através das mídias e produtos para consumo. “As meninas só brincavam de serem mães. O que podia ser divertido. Bom, pelo menos por um tempo... pergunte a sua mãe.” – provoca a narradora. Entre meninas brincando de lavar roupas e cuidar de seus bebês, surge a primeira Barbie, exibindo em tamanho colossal sua perfeição estética, imponentemente acima das meninas que, atônitas em admiração, quebram suas bonecas-bebês em anarquia, ao descobrirem finalmente que não precisam mais se adequar ao papel imposto. A Barbie surge, nesse cenário, como instrumento de libertação da “mística feminina”².

A promessa de empoderamento que acompanha a super valorização da estética não nasce com o surgimento da boneca Barbie, mas certamente alimenta-se um estímulo ao consumo que gira em torno da indústria da beleza, que promete às mulheres valores em troca da adequação estética. O surgimento da Barbie acima de pequenas meninas destruindo seus brinquedos, agora símbolos de opressão, não é apenas uma representação exaltada do início da uma era de “liberdade” para as mulheres, mas também um convite para a troca de produtos de consumo que se adequam melhor ao novo discurso do feminismo.

² Em 1963, Betty Friedan publica “A mística feminina”, onde expõe as normas sociais que mantinham as mulheres no âmbito doméstico enquanto estimulavam o consumo como forma de compensação.

Figura 1.



Fonte: Captura de tela do filme *Barbie* (2023), de Greta Gerwig, disponível na plataforma Max.

Figura 2.



Fonte: Captura de tela do filme *Barbie* (2023), de Greta Gerwig, disponível na plataforma Max.

Figura 3.



Fonte: Captura de tela do filme *Barbie* (2023), de Greta Gerwig, disponível na plataforma Max.

Em seguida, a narradora nos apresenta brevemente à história da boneca que, após seu lançamento, ganha diversas personalidades e profissões, assim como passa a exercer o papel de uma única representação social que supostamente engloba uma pluralidade de mulheres. Assim, a Barbie conquistou “seu próprio dinheiro, sua própria casa, seu próprio carro e sua própria carreira”, juntamente com a independência e liberdade para ela e para todas as mulheres. “Se a Barbie pode ser o que quiser, as mulheres podem ser qualquer coisa” – defende a narradora, e completa (ironicamente, para alívio dos corações feministas apreensivos): “Graças à Barbie, todos os problemas do feminismo e da igualdade de direitos foram resolvidos”.

A ironia narrativa que Gerwig usa, inicialmente, ao abordar questões caras ao feminismo, pode ser um convite a se assistir ao filme com olhar mais crítico do que satírico. Antes mesmo de a história começar, ela está nos convidando a pensar sobre como a própria indústria nos representa e nos faz reproduzir papéis sociais que condicionam a mulher a se adequar aos padrões definidos por um sistema empenhado em manter a opressão, mesmo que carregado com a promessa da liberdade. A proposta é interessante e, de certa forma, se sustenta, mas a quem exatamente é destinado esse convite? Se vamos refletir sobre as lacunas existentes no feminismo mercadológico, precisamos primeiramente ter em mente que as lacunas no feminismo em geral estão além de políticas de identidade e opressão estética e reconhecer quais são as mulheres afetadas pelas falhas estruturais do sistema. Apesar de já ter raízes profundas na cultura *mainstream*, esse feminismo muitas vezes promove uma comunicação unilateral

que dá voz apenas àquelas que já estão nas camadas sociais mais privilegiadas. A proposta inicial da narrativa parece nos levar a questionamentos que, à princípio, serviriam para identificar os problemas sociais negligenciados pelo feminismo que, ao se tornar um movimento de massa a partir de políticas identitárias, desconsidera disparidades sociais entre esse vasto grupo de mulheres que o movimento promete representar. Será que essa Barbie vestiu o *look* da autocrítica?

2. “Essa Barbie é liberal”: aos interesses de quem se desenvolve o discurso do feminismo mercadológico?

O movimento social pela liberdade das mulheres iniciou suas lutas em prol da emancipação da mulher da esfera privada da sociedade e dos meios de dominação exercidos pelo Estado androcêntrico, que as excluía da esfera política. As mulheres, até então, eram doutrinadas a serem donas do lar, cuidadoras e mães, funcionando como máquina de *reprodução social*, instrumentalizada em prol do acúmulo de capital (ARRUZA; BHATTACHARYA; FRAZER, 2019), exercendo o trabalho não remunerado de cuidado e reprodução que lhes foi delegado.

As diferentes tecnologias, como o cinema, foram usadas para manter os papéis sociais e de gênero de forma estável, a fim de garantir o controle ideológico dos indivíduos. Althusser (1980) conceitua os Aparelhos Ideológicos do Estado, enumerando uma lista de instituições que exercem esse papel. Entre os Aparelhos Ideológicos de caráter *privado* estão escolas, Igrejas, famílias, empresas culturais etc.; enquanto os de caráter *público* são Governo, Exército, Polícia, Tribunais, Prisões, dentre outros. A teoria de Althusser afirma que ambos os tipos de Aparelhos funcionam tanto de forma repressiva, quanto ideológica, entretanto uns mais massivamente por meio da ideologia e secundariamente pela repressão, mesmo que de forma simbólica, como os aparelhos que agem nas Artes: cinema e televisão, por exemplo.

Teresa de Lauretis (2019 [1987]) afirma que representações de gênero são instauradas nos Aparelhos Ideológicos do Estado, executados em tecnologias sociais, com a finalidade de manipular as construções de gênero, bem como coibir comportamentos subjetivos, partindo, de forma contundente, de interesses ideológicos e econômicos. A autora afirma que a construção do sujeito não é derivada de uma perspectiva da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos; “um sujeito constituído no gênero não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais” (LAURETIS, 2019, p. 123). Joan Scott define esse sistema de significados como “as maneiras como as sociedades representam o gênero e o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o

sentido da experiência” (SCOTT, 2019, p.61). Dessa forma, ressaltamos o cinema, dentre outras tecnologias sociais, como um dos responsáveis pela manutenção do papel social da mulher, representados em produções globalmente disseminadas pela indústria dominante, expressivamente norte-americana.

O filme *Barbie* (2023) nos mostra, nos primeiros minutos, um brevíssimo, porém certo, resumo de como essas representações de gênero foram instauradas nas tecnologias sociais, com a finalidade de impor papéis sociais (meninas brincam com bonecas e cozinha, meninos brincam com esportes e armas) e como a mesma indústria se apropriou das conquistas emancipatórias das mulheres e as utilizou para seus próprios fins lucrativos. Contudo, o que não conseguimos ver nas camadas mais superficiais das produções que levantam questões problematizadas pelo feminismo do *mainstream* é que esse discurso mantém o que deveria ser uma luta por emancipação e igualdade de gênero sufocada por questões estéticas e identitárias, que atendem aos interesses de apenas parte das mulheres. Essa *Barbie* está prestes a descobrir que seu feminismo serve a fins capitalistas.

Em seu artigo “Como o feminismo se tornou a empregada do capitalismo e como resgatá-lo”, publicado no jornal *The Guardian*, Nancy Fraser (2013) elabora uma crítica ao entrelaçamento entre o feminismo da segunda onda e o neoliberalismo, que aconteceu à partir de uma pauta mútua de que o capitalismo gerido e guiado pelo Estado precisava ser combatido. A autora constata que o movimento pela libertação feminina se entrelaça aos esforços neoliberais de construir uma sociedade de livre mercado, com ideias carreiristas, individuais e meritocráticas acerca do empoderamento feminino.

A partir das raízes do liberalismo clássico, o neoliberalismo é igualmente guiado pela teoria liberal de mercado, que pressupõe a separação entre economia e política, exaltando a noção de “homem econômico”, aquele cujas ações são motivadas e determinadas por interesses racionais e materiais. A noção liberal de cidadania pressupõe que todos os homens são iguais, portanto devem ser tratados da mesma maneira, bem como ter os mesmos direitos à propriedade e liberdade de expressão. Entretanto, desconsidera diferenças estruturais relativas a gênero, classe, etnia, cor ou credo. Para Fraser, o feminismo da segunda onda, que buscava a libertação das mulheres, foi também compatível com os ideais liberais que oferecia às mulheres, assim como aos homens, as benesses da autonomia individual, maior possibilidade de escolha e crescimento meritocrático. Sendo assim, ao mesmo tempo em que acreditava em um mundo onde a emancipação de gênero caminhava lado a lado com a democracia participativa e a solidariedade social, o feminismo sucumbia à compatibilidade latente, porém controversa, com o liberalismo.

Fraser (2019 [2009]) postula que a segunda onda do feminismo coincidiu com uma mudança histórica no caráter do capitalismo, da variante “organizada pelo Estado” para o neoliberalismo. Essa coincidência facilitou o feminismo a prosperar como fenômeno social de massa, atraindo pessoas de todas as classes, etnias, nacionalidades e ideologias políticas (FRASER, 2019, p.36). Com essa alteração na cultura das sociedades capitalistas, as reivindicações políticas passaram a ser cada vez mais expressas como reivindicações pelo reconhecimento da identidade e da diferença, empurrando a segunda onda do feminismo para um leque de políticas identitárias. A crítica de Fraser se inflama no momento em que o feminismo deixa de lado a prioridade em lutas socioeconômicas, que teriam o verdadeiro potencial de causar mudanças estruturais expressivas, para focar em políticas que flertavam em uma “conexão perigosa” com o neoliberalismo, focadas no individualismo.

A autora aponta ainda que a afinidade entre feminismo e neoliberalismo reside na crítica à autoridade tradicional. As mulheres sempre buscaram emancipar-se de sujeições impostas pelo androcentrismo do Estado e opressões instauradas em seus Aparelhos Ideológicos, como obediência servil aos princípios androcêntricos. Dessa forma, a exaltação de empoderamento estético e material como meios de emancipação das mulheres se torna discurso central dessa nova forma de feminismo, focadas nas adequações de um ideal descentralizado das formas de dominação e controle do Estado, mas centrado no poder individual, atribuído pelo acúmulo de capital.

O feminismo atual, geracional e cronologicamente classificado como feminismo da 3ª onda, trouxe, como reflexo do flerte intenso do feminismo da segunda onda com o liberalismo, uma política forte de identidade em detrimento da crítica da economia política, que deveria se comprometer em diminuir as desigualdades estruturais em prol da libertação da mulher. Dessa forma, o efeito da lógica neoliberal no feminismo foi exaltar o individualismo e o carreirismo como empoderamento e emancipação, em detrimento da lutar por avanços estruturais e coletivos. O feminismo finalmente se torna palatável ao mercado, que lucra com o discurso de poder, individualismo e meritocracia.

Angela McRobbie (2015) aponta o cinema e a mídia como responsáveis por propagar incessantemente o ideal competitivo da mulher perfeita, que precisa ser boa mãe, bonita, bem arrumada, interessante, dona-de-casa produtiva, ter uma carreira de sucesso, reforçando uma perfeição inalcançável e gerando competição não-saudável entre as mulheres (MCROBBIE, 2015, p.17). A teórica de cinema feminista Anna Backman Rogers (2015) afirma que a exaltação dos ideais de liberdade, escolha e independência na mídia, com a finalidade de construir um discurso feminista empoderador, acaba por *desempoderar* as mulheres que não possuem os mesmos acessos, uma vez que não considera recortes sociais ou de raça, já que atribui o sucesso a uma

perspectiva meritocrática. Rogers ressalta o *otimismo cruel* que esse tipo de ideal instaura nas mulheres, com a finalidade de preservar a imagem impossível da garota que pode fazer tudo³. Essa perspectiva limitada chama atenção para a “miríade de grupos sociais e formas alternativas de vida que devem ser suprimidas para fortalecer o poder dos valores recuperados do neoliberalismo como escolhas feministas”⁴ (ROGERS, 2015, p.44).

O discurso da mulher empoderada e autossuficiente ganhou grande força no mercado, mudando drástica e definitivamente a forma como as mulheres são representadas no cinema. Personagens femininas passam a ter personalidades mais acentuadas, são autossuficientes e ganham liberdade sexual. Naomi Wolf discorre a “beleza” como um sistema, monetário e determinado pela política, que consiste no “último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino” (WOLF, 2018, p.26). A afirmação da autora em relação à indústria da estética, que está infiltrada em diversas tecnologias de dominação ideológica, incluindo o cinema, nos ajuda a compreender como esse sistema é criado para estimular uma competição antinatural entre as mulheres, acerca de recursos apropriados pelos homens, em uma relação de poder e dominação.

Com os avanços trazidos pelos debates a favor da emancipação da mulher, muitas dessas amarras patriarcais, transformadas em padrões e, muitas vezes, naturalizadas na sociedade, são levemente quebradas ou suavizadas, trazendo novos discursos libertários. Contudo, a apropriação feita pela Indústria transforma essa suposta libertação em uma falácia neoliberal, na qual a liberdade é confundida com meios de identificação e consumo, que mantém as mulheres reféns das instituições masculinas e do poder institucional dos homens, muitas vezes sem conseguir se dar conta disso.

A mudança na representação da mulher no cinema, dentro desses aspectos, pode ser encarada como uma conquista do movimento feminista em implantar identidades plurais que antes eram subjugadas na indústria cultural; contudo, a apropriação do empoderamento feminino pelo capitalismo patriarcal se estende nas produções, exaltadas pelo discurso liberal da “mulher que pode tudo”. Joan Scott (2019 [1989]) afirma que os sistemas econômicos e os sistemas de gênero agiam reciprocamente, uns sobre os outros, para produzir experiências sociais e históricas; que nenhum dos dois sistemas era casual, mas que ambos “operavam simultaneamente para reproduzir as estruturas sócio-econômicas e as estruturas de dominação masculina de uma ordem social particular” (SCOTT, 2019, p.58).

O neoliberalismo elabora a narrativa do empoderamento feminino baseado na materialidade, sem considerar as realidades subjetivas que

³ Tradução de “*can-do*” *girl*, termo usado pela autora (ROGERS, 2015, p. 48) (todas as traduções são minhas)

⁴ No original: “Limited outlook draws attention to the myriad social groups and alternative ways of living that must be suppressed in order to strengthen the hold of neoliberal values recuperated as feminist choice.”

potencialmente aumentam a opressão e exploração das mulheres. O resultado alimenta a queda dos níveis salariais, diminuição da segurança no emprego, o declínio nos padrões de vida, aumento abrupto no número de horas trabalhadas em troca de salários por família, a exacerbação da dupla jornada (frequentemente tripla ou quádrupla), além do aumento de lares chefiados por mulheres (FRASER, 2019, p. 39). Dessa forma, essas mulheres são inseridas no mercado de trabalho, mas não isentas de seus trabalhos de cuidados e do lar, gerando, conseqüentemente, o aumento da pobreza e a desigualdade.

O discurso identitário do feminismo mercadológico ganha força na grande mídia, tomando proporções que atribuem ao novo feminismo um *status* global, graças a forte presença nos produtos da cultura *pop* e inúmeras trocas proporcionadas pelas mídias sociais. Entretanto, apesar de seu grande avanço em termos de alcance, esse discurso abre ainda mais lacunas sociais entre as mulheres e segrega os grupos pertencentes às classes mais oprimidas da sociedade, seduzindo-as com o falso discurso que as oferece empoderamento estético e emancipação material, enquanto as mantém em lugares de opressão estrutural. Apesar de alcançar suficientes ramificações em prol da completa emancipação desejada, o feminismo da segunda onda coincidiu com uma importante mudança histórica no caráter do capitalismo, que buscava, de acordo com Fraser, “usar o mercado para domesticar a política” (2019, p.36).

3. As promessas de liberdade e empoderamento do feminismo neoliberal: Bem-vindos à Barbielândia!

Felizmente, na Barbielândia, a Mística de Friedan já foi destruída e a mulher finalmente conquistou tudo. Ela é médica, presidente, astronauta, ganha o Prêmio Nobel. Ela tem sua casa, seu carro e inúmeros bens materiais. Ela é representada com os ideais de independência, carreirismo e meritocracia tão almejados pelas entusiastas do empoderamento feminino. Ela foi empoderada materialmente, então ela pode ser o que quiser. Contudo, mesmo com críticas à própria futilidade estética e subserviência capital da boneca, bem como, embora que sutilmente, às próprias práticas feministas, prevalece o discurso individualista e meritocrático como forma de empoderamento e liberdade. “Eu trabalhei muito por isso. Eu mereço isso!” conclui a Barbie, ao receber o Prêmio Nobel.

Figura 4.



Fonte: Captura de tela do filme *Barbie* (2023), de Greta Gerwig, disponível na plataforma Max.

Não podemos deixar de considerar que o crescimento do feminismo na cultura *mainstream* foi importante para disseminar os ideais de igualdade de gênero e justiça social, contudo a apropriação das pautas feministas pela grande indústria funciona como um paradoxo que, ao mesmo tempo que impulsiona a visibilidade de classes historicamente subordinadas, aproveita-se para usar essas pautas, a fim de gerar comercialização e lucro, invisibilizando as lutas por mudanças na estrutura social. O neoliberalismo amarra o sonho de emancipação das mulheres na máquina do acúmulo capitalista (FRASER, 2019, p.39).

Tais valores, tão bem difundidos pelo novo feminismo na cultura *mainstream* levantam pautas entre as mulheres que podem causar a confusão entre emancipação e acomodação de valores patriarcais. Podemos afirmar que, uma vez que o patriarcado e o capitalismo são sistemas que mantêm uma relação estrutural e mutuamente se sustentam, já que em ambas as práticas estão a opressão, submissão e sexualização da mulher, entendemos que a mercantilização da liberdade feminina e do ideal da igualdade de gênero é um produto dessa estrutura conjunta que, ao mesmo tempo em que acumula poder com a opressão a determinados grupo, também acumula capital com a venda dessas opressões repaginadas como empoderamento. Destinando, portanto, esses produtos e discursos ao público feminino, conclui-se que a venda da liberdade e empoderamento veiculada pelo feminismo mercadológico situa, mesmo que muitas vezes sem se dar conta disso, a mulher na posição inerte de violência simbólica.

Nancy Fraser define o neoliberalismo como a forma mais predatória de capitalismo, capaz de se apropriar de qualquer coisa em prol do acúmulo de capital. Dessa forma, a contribuição da segunda onda do feminismo em

fortalecer o *éthos* neoliberal através do controverso flerte de ideais individualistas facilita a apropriação e ressignificação dessas pautas com propósitos predatórios. Se em outra época éramos representadas como mães, donas de casas e submissas, hoje somos representadas como as mulheres “podem tudo” e “fazem acontecer”. Entretanto, os avanços nas representações de gênero não abalam de forma alguma as estruturas políticas e sociais que precisamos modificar para alcançar a verdadeira justiça social, pelo contrário, fortalece discursos que mantêm os grupos ainda mais segregados e voltados para políticas que servem ao capital.

Todavia, não podemos nos deixar ludibriar pela Barbie Prêmio Nobel e focar em reverter a virada feminista à política da identidade que se encaixou perfeitamente num neoliberalismo ascendente, o qual sempre teve como intenção reprimir toda memória de desigualdade social. Representar a mulher livre e autossuficiente abarca características individualistas, carreiristas e assume todas as responsabilidades sobre o próprio bem-estar, à revelia de dificuldades estruturais que existem em todas as sociedades. Ou seja, o feminismo neoliberal dialoga com a parcela de mulheres que já contam com consideráveis vantagens sociais, culturais e econômicas. A noção neoliberal exalta mulheres em posições de poder (como executivas, militares, artistas), alimentando o idealismo de que se todas se esforçarem o suficiente, conquistarão os mesmos espaços, quando sabe-se bem que não há posição de poder sem subordinação e opressão. Portanto, em uma sociedade na qual esses valores são dominantes, essas mulheres apenas alcançam posições de poder enquanto subordinam e oprimem outras mulheres. Ou seja, o feminismo neoliberal apenas substitui um modo de dominação por outro, o que, conseqüentemente, oprime ainda mais as mulheres que estão nas camadas de desvantagem social.

Com a amplitude que o feminismo recebeu com a transformação de suas pautas em produtos vendáveis, difunde-se também a noção de que o feminismo neoliberal carrega os ideais necessários para a emancipação da mulher na sociedade, uma vez que a política de identidade oferecida serve à todas e procura, na esfera do discurso, não excluir nenhuma, desconsiderando a distancia social entre elas. O empoderamento identitário que hoje é vendido pela indústria midiática, que substitui o empenho da mesma indústria em manter as mulheres na esfera do lar, serve aos ideais de consumo, que mantém as mesmas mulheres oprimidas pelo capital. A violência, em todas as formas, é parte integrante do funcionamento cotidiano da sociedade capitalista – pois é apenas por meio de uma mistura de coerção brutal e consentimento construído que o sistema consegue se sustentar com perfeição (ARRUZA; BHATACHARYA; FRASER, 2019, p.65).

Arruza (2014) afirma que o capitalismo não depende, de fato, das relações de opressão de gênero para existir - o nível de liberdade e emancipação feminina difundido pela indústria cultural moderna é a prova disso – contudo, há uma complexa e articulada ordem social que tem seu núcleo constituído de relações de exploração, dominação e alienação; uma totalidade viva de relações sociais. Nela, encontramos relações de poder conectadas a gênero, orientação sexual, raça, nacionalidade, e religião, e todas estão a serviço da acumulação de capital e sua reprodução, ainda que frequentemente de formas variadas, imprevisíveis e contraditórias (ARRUZA, 2014, p.48). Essa relação oportunista entre capitalismo e patriarcado se fortalece no momento em que se beneficia e explora as formas de desigualdade de gênero produzidas por configurações sociais prévias. Ou seja, desde a raiz do capitalismo, este se apoia nas relações de opressão e subordinação de gênero, e se aproveita delas enquanto lhe é conveniente, se adequando às temporalidades sociais e discursos políticos de cada época.

A Barbielândia, *lócus* onde se situa o feminismo neoliberal, dissolve o que poderia ser uma contundente autocrítica em uma rasa denúncia ao patriarcado estrutural, apontando as estruturas sociais androcentricas como os grandes e únicos obstáculos entre a mulher e a sua completa emancipação. A oferta de uma estrutura centrada na mulher e no poder feminino leva o espectador a se iludir pelo discurso de que o oposto do patriarcado seria a solução para os nossos problemas. Uma estrutura matriarcal onde a mulher forte e independente é aquela que oprime, apenas inverte os valores de privilégio e opressão que vivemos na sociedade patriarcal, porém não resolve a desigualdade de gênero, assim como continua a negligenciar as disparidades sociais que segrega as mulheres.

Figura 5.



Fonte: Captura de tela do filme *Barbie* (2023), de Greta Gerwig, disponível na plataforma Max.

A afirmação de uma sociedade liderada por mulheres, concebida dentro do ideal neoliberal de um feminismo supostamente decidido em subverter as amarras estruturais do patriarcado, não nos apresenta uma visão de sociedade igualitária e comprometida em quebrar estruturas sociais que nos segregam – não apenas homens e mulheres, mas entre grupos de mulheres, distintos social e culturalmente. O objetivo de formar mulheres capacitadas para liderar e assumir posições de poder socialmente atribuídas aos homens é mais uma ferramenta para manter as classes dominantes em posições privilegiadas, o que consequentemente atribui ao feminismo neoliberal um caráter de opressão, uma vez que não só mantém socialmente subordinadas as mulheres menos privilegiadas, como também aumenta ainda mais a discrepância da desigualdade social, já que concede mais poder e capital àqueles que já os detém.

A exaltação do ideal de empoderamento material embaça os efeitos de desigualdade social consequentes, ao considerar que toda a sociedade tem as mesmas condições de alcançar o sucesso individual. Essa forma de cooptação, que reembala o feminismo como uma escolha de estilo de vida, ao mesmo tempo serve para despolitizá-lo. O pessoal é separado do político, de modo que as noções de auto-expressão, individualidade e auto-realização (muitas vezes manifestadas através de uma escolha consumista) são lidas como a expressão de um impulso feminista⁵ (ROGERS, 2015, p.48), e não de uma manipulação ideológica arquitetada pelo capitalismo patriarcal.

A nocividade dessa forma de feminismo que está sendo cultural e globalmente difundida pelo neoliberalismo vem recusando o senso de coletividade feminista, que foi base do movimento pelos direitos das mulheres. A cooptação com o neoliberalismo vem drasticamente preterindo o “feminismo para todas”, enquanto elabora um discurso que, na prática, alinha o feminismo com apenas Barbies privilegiadas. As mudanças culturais impulsionadas pela segunda onda, saudáveis em si próprias, serviram para legitimar uma transformação estrutural da sociedade capitalista que avança diretamente contra as visões feministas de uma sociedade justa (FRASER, 2019, p.27).

Barbie (2023) se apresenta como uma autocrítica do feminismo branco e elitista que reconhece seus próprios privilégios, mas não consegue pôr em prática seus discursos de igualdade, porque floresce no terreno contraditório, porém fértil, do neoliberalismo. O filme apresenta um clímax com um discurso

⁵ “The personal is severed from the political so that notions such as self-expression, individuality, and self-actualization (often made manifest through consumerist choice) are read as the expression of a feminist impulse.”

inflamado de America Ferrera, que sintetiza a quebra do paradigma estético – que acaba por ser o objetivo central do filme: a própria representação feminina na indústria midiática e a violência simbólica exercida sobre as mulheres pela indústria e sociedade; assim, podemos assumir que, apesar de o resultado final não nos corresponder exatamente ao direcionamento proposto em apontar as lacunas no feminismo atual, essas produções ainda podem nos trazer debates produtivos, não podemos deixar de salientar que o discurso do feminismo mercadológico deixa de lado o fato de que para alcançarmos a igualdade social e, conseqüentemente, equiparar disparidades de gênero, essa Barbie precisa primeiramente adotar uma posição anticapitalista. É importante compreender que o feminismo neoliberal cumpriu seu papel em difundir alguns ideais de emancipação, porém se esgotou (ou foi esgotado) ao deixar que o flerte com o neoliberalismo se tornasse um relacionamento sério aos interesses do capital. Não ironicamente, *Barbie* teve arrecadação bilionária.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Os Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa, Editorial Presença. 1980.

ARRUZA, Cinzia. *Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo*. Tradução: Camila Massaro de Góes. Viewpoint Magazine, 2014. Disponível em: <https://viewpointmag.com/2014/09/02/remarks-on-gender/>

ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminismo para os 99% - um Manifesto*. São Paulo, Boitempo. 2019.

FRASER, Nancy. *Como o feminismo se tornou empregada do capitalismo e como resgatá-lo*. The Guardian, 2013. Accessed on 08/08/2023 on <https://iela.ufsc.br/como-o-feminismo-se-tornou-a-empregada-do-capitalismo-e-como-resgata-lo/>

FRASER, Nancy. *Feminismo, capitalismo e a astúcia da história*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (pp. 25-46)

LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia de gênero*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (pp. 121-155)

MCROBBIE, Angela. 2015. *Notes on the perfect: Competitive Femininity in Neoliberal Times*. Australian Feminist Studies, empowerment organizations. Continuum: Journal of Media & Cultural Studies, 30(83), pp. 3–20, 2015.

MEDEIROS, Fernanda Luíza Silva de. *Feminismo e Neoliberalismo na Contemporaneidade: Uma “Nova Razão” para o movimento de libertação das*



mulheres? Teoria & Pesquisa: revista de ciência política, São Carlos, v. 26, n. 3, p. 146-167, 2017.

ROGERS, Anna Backman. *Lena Dunham's Girls: Can-Do Girls, Feminist Killjoy, and Women Who Make Bad Choices*. In: MULVEY, Laura; BACKMAN ROGERS, Anna. *Feminisms: Diversity, Difference and Multiplicity in Contemporary Film Cultures*. Amsterdam University Press, 2015. (pp.44-53)

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. (pp. 49-80)